



Ensino de História no Ensino Médio: desenvolvendo a arte de ensinar

Davi Aragão Martins da Silva*

Introdução

A disciplina de Estágio Supervisionado tem como objetivo principal promover a relação teoria e prática na formação de professores de História sensibilizando os jovens estudantes de que o saber histórico escolar diferencia-se significativamente em sua natureza e organização daquilo que constitui os princípios observados na ciência de referência¹. Nesse sentido, o estágio é o momento que se pode perceber presencialmente, a realidade do ambiente escolar e criar percepções sobre as reflexões presentes nas aulas.

As disciplinas de estágio resultaram na produção de uma sequência didática de três aulas de cinquenta minutos. O texto a seguir está em tópicos que apresentam algumas reflexões a partir das observações sobre a escola, o desenvolvimento de regências e análise dos resultados, por fim, algumas considerações.

A escola: algumas observações

As regências foram desenvolvidas na Escola Estadual Antônio Souza Martins situada na Rua 18, número 2444 - Bairro Setor Sul em Ituiutaba, Minas Gerais. Fundada em 1974, teve sua denominação com Polivalente. Possuía ensino de primeiro grau e encaminhamento para profissionalização dividido em cinco áreas: educação para o lar, técnicas industriais, técnicas agrícolas, técnicas comerciais e ensino destinado às ciências. As salas eram montadas de acordo com a disciplina. Em 1984 chegou ao fim o modelo Polivalente da escola e, devida a demanda da cidade, precisou instalar o ensino



médio, na época Segundo grau. Em 2016, a escola funcionava nos turnos matutino, vespertino e noturno.

Possui dezenove salas de aula, mas no momento são utilizadas dezesseis. Essas três salas sobressalentes são utilizadas para aula de reforço, rádio da escola e Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. Também possui secretaria, direção, sala dos professores, refeitório, banheiros, pátio, biblioteca, laboratório de informática, sala de vídeo e laboratórios. Na área externa, possui quadras e espaços destinados a atividades de educação física. A escola oferece ensino fundamental e médio durante a manhã, tarde e noite. André (2006) elucida que,

Conhecer a escola mais de perto significa colocar uma lente de aumento na dinâmica das relações e interações que constituem seu dia a dia, apreendendo as forças que a impulsionam ou que a retêm, identificando estruturas de poder e os modos de organização do trabalho escolar e compreendendo o papel e atuação de cada sujeito nesse complexo interacional onde ações, relações, conteúdos são construídos, negados, reconstruídos ou modificados. (p.41)

Isso deixa claro que a atividade de observar a escola torna possível detectar aspectos particulares que a mesma proporciona. Será que a escola tem sido atraente aos jovens ou seria apenas um lugar que estão indo por obrigação? Como a escola percebe seus sujeitos? Sabendo que a escola é um espaço dinâmico, André (2006, p.42-44) explica que há três dimensões que são necessárias de ser consideradas ao se pensar no cotidiano escolar: A *dimensão institucional* abrange toda forma de organização da escola e o que acontece no decorrer da vida escolar. A autora explica que a forma que é mantida a instituição afeta diretamente a organização do ensino na sala de aula. É a parte que engloba a direção escolar, técnicos, docentes, e outros agentes. A *dimensão pedagógica* trata da relação de ensino entre professor e estudante. Envolve as atividades, conteúdos, materiais didáticos, enfim, é a produção do conhecimento. Por fim, temos a *dimensão sociopolítica/cultural* que trata as macroestruturas da prática educativa. Nesse sentido, é a dimensão que considera contextos históricos e representações políticas que influenciam na sociedade. A autora ainda explica que “o destaque a apenas três dimensões tem o objetivo de chamar a atenção para aspectos que



“não podem ser esquecidos numa investigação da prática pedagógica cotidiana” (ANDRÉ, 2006, p.44).

Para conhecer alguns aspectos da escola, fizemos a leitura do Projeto Político Pedagógico, o PPP, para considerar a dimensão sociopolítica/cultural e institucional. O documento apresenta o objetivo geral da escola que consiste em garantir ao educando situações de construção de conhecimento promovendo o seu enriquecimento pessoal e social de forma consciente, solidária, responsável, participativa e crítica, visando a sua integração e atuação no meio sociocultural. Os objetivos específicos abordam a importância de formar cidadãos responsáveis, participativos, críticos, compromissados e criativos bem como fortalecer a escola como espaço público que seria aberto a debates, diálogos entre a comunidade e pais dos estudantes.

Tais aspectos podem ser utilizados para pensar como são, e se são, realizados na prática. Vale questionar: será que a escola está apta para receber parcela dessa nova juventude? Nessa perspectiva, Dayrell (2007, p. 1107) aborda que,

Uma primeira constatação é a existência de uma nova condição juvenil no Brasil. O jovem que chega às escolas públicas, na sua diversidade, apresenta características, práticas sociais e um universo simbólico próprio que o diferenciam e muito das gerações anteriores.

O autor esclarece que essa nova juventude se constitui a partir de mudanças sociais e culturais que vem ocorrendo nas últimas décadas no mundo ocidental. É importante perceber há uma composição heterogênea dos sujeitos da escola. No PPP não fica claro o público que a escola atende, desse modo não fica clara a opinião da escola sobre seus sujeitos. Mas deixa evidente a relação que a família e sociedade precisam manter para cultivar o ato de ensinar. No documento consta que,

É impossível colocar à parte escola, família e sociedade, pois, se o indivíduo é aluno, filho e cidadão, ao mesmo tempo, a tarefa de ensinar não compete apenas à escola, por que o aluno aprende também por meio da família, dos amigos, dos meios de comunicação, do cotidiano. É preciso que professores, família e comunidade tenham claro que a escola precisa contar com a parceria de todos (PPP, 2016).

Referente à disciplina de história para ensino médio, não foi possível localizar no PPP a descrição aprofundada. Ela é citada junto com disciplinas que se enquadram nas ciências humanas, mas não aborda conteúdos a serem ensinados. No documento



consta que o currículo para ensino médio tem como dever proporcionar que o jovem seja sujeito de sua própria formação e que tais aspectos se reproduzam para a vida pessoal. A fundamentação pedagógica da escola é pautada pela Lei de Diretrizes e Bases, a LDB 9.394/1996. De acordo com documento a organização curricular foi baseada nos Conteúdos Básicos Comuns – CBCs.

A sala dos professores é um ambiente amplo e possui duas mesas grandes e cadeiras. Tem água e café disponível para os professores. Lá é servida a merenda para os docentes. É um local de trocas de ideias entre os funcionários e a presença dos estagiários pode ser incômoda. Aparentemente a sala precisaria ser maior devida a lotação no momento do intervalo. A biblioteca também serve como copiadora, ou seja, o local que os professores deixam as atividades para ser impressas aos estudantes. Sempre fechado, o laboratório de informática possui diversos computadores, mas não são utilizados com frequência. O possível motivo é a falta de um monitor para prestar serviços à escola e cuidar do laboratório.

A sala de aula é um lugar de convivência, socialização e de troca de conversas do dia a dia. Ele faz parte da vida cotidiana dos jovens. Para perceber a dinâmica desse local precisamos considerar a história pessoal de cada indivíduo que dela participa, assim como as condições específicas em que se dá a apropriação de conhecimentos (ANDRÉ, 2006, p.43).

O espaço escolar é marcado por diferentes culturas. O multiculturalismo, com base no autor Peter McLaren, apresenta a ideia que o educador precisa estudar melhores modos de mediar conteúdos para que possa efetivar um ensino que tenha significado. Para isso se torna interessante considerar que cada educando tem suas particularidades e diferentes culturas históricas. Ao considerar tais pontos as portas se abram para um lugar multicultural. Neste é indispensável a inclusão e inter-relação de agentes do aprendizado. Assim, pode-se pensar que a escola passaria a ser um espaço plural e multicultural dos silenciados que podem estar nesta condição por raça, condição sexual, situação econômica, dentre outros fatores.

O docente, que recebeu os estagiários do curso de História, se chama Sidney Leopoldino da Mata. Possui bacharelado e licenciatura em História pela Faculdade de



Ciências Integradas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2013. Também é mestrando educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação PPGED/UFU. Possui pós-graduação em Ensino de Jovens e Adultos – EJA, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro - IFTM no ano de 2014. Atuou como professor da Educação Básica na Rede Estadual do município de Ituiutaba, Minas Gerais².

O professor supervisor possui contato com historiografias recentes nas discussões referentes à educação. Durante as aulas notamos preocupação em deixar evidente, para os jovens, que eles podem ter acesso à Universidade. Esclareceu, durante as aulas observadas, que os assuntos trabalhados em sala de aula eram de total importância para a prova do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM e para o vestibular da instituição. Tal aspecto é positivo, pois contribui como meio de desenvolvimento de interesse do aluno pela universidade.

O Professor Sidney, ao longo das aulas, recorre a analogias, comparações, e diferentes linguagens como complemento pedagógico em sala de aula. Utilizar linguagens para enriquecer as aulas de história é uma atitude que se mostra cada vez mais adequada tendo em vista que a disciplina possui diversos assuntos abstratos e de difíceis entendimentos. Quanto às atividades e exercícios, o uso de diferentes materiais e linguagens como complemento de conteúdo se fez presente. Fazer com que aqueles sujeitos tenha contato com outros objetos alheios à escola também é papel do professor. Isso faz relação quando Mellouki e Gauthier mostram o professor como mestre herdeiro, que causa sinergia entre sua herança cultural com a do aluno. Afirmam que,

A cultura não se reduz nem a uma soma de conhecimentos nem a objetos que precisamos conhecer: pintura, arquitetura, modos de vida etc. Os conhecimentos, objetos e modos de vida foram produzidos ou adotados em contextos determinados e a fim de satisfazerem as necessidades determinadas. É auxiliando o aluno a situar os conhecimentos, objetos culturais e modos de vida em seu contexto social e histórico que o mestre contribui para a formação cultural do aluno e para ajudá-lo a tomar consciência dos pontos de junção e de ruptura que marcam a história humana. (2004, p.557)

Tal herança explicada pelos autores não pode passar de forma despercebida. Ela deve ser pensada, problematizada e refletida para que possa ser passada adiante. A



educação do jovem não é feita somente dentro da escola pelo professor. Cada educando tem sua particularidade e a forma que a educação foi apresentada em casa. Concorda-se com a citação a seguir, ao afirmar que,

Existem inúmeras maneiras de estudar, em todas é preciso apenas algo bem pessoal: vontade, ou seja, interesse do aluno para com os estudos, a motivação é superior a todos os discursos e as broncas dos adultos, a motivação é infalível. Quando não há interesse sobram desculpas, e consequentemente, pouco proveito terão os estudos. (GUIDO, 2008, p.67)

Assim, fica evidente que existem diversas maneiras de aprender. Não é correto culpar os somente jovens, a instituição e família sobre o fracasso escolar. É essencial perceber a complexidade do processo educacional. As dificuldades estão presentes em diversos ambitos próximo ao jovem. Na continuação deste artigo registramos algumas reflexões sobre a produção e desenvolvimento da sequência didática.

Regência: produção da sequência didática e seu desenvolvimento

Para desenvolver aulas significativas faz-se necessário planejamento e estudo. Isso ficou evidente na preparação da sequência didática que antecedeu o momento da regência. Precisamos adequar a produção da aula com o calendário do professor para evitar desencontro dos conteúdos que estão sendo trabalhados. As aulas ficaram definidas para tratar sobre a Inconfidência Mineira que se encaixa no eixo temático Mundo Moderno, Colonização e Relações Étnico-Raciais (1500-1808).

Como conteúdos conceituais definiram-se: trabalhar com os conceitos de Movimentos Sociais; Independência; Liberalismo; Inconfidência; Sociedade e Sujeitos Históricos. Os conteúdos procedimentais abarcaram: desenvolver a leitura metódica; análise de imagens fotográficas, comparação. Já os conteúdos atitudinais, visaram: desenvolver a prática de expressar opiniões; trabalhar em grupo; problematizar e desenvolver o senso crítico. O desenvolvimento da sequência didática buscou levar aos estudantes a compreensão da crise sistema colonial e a relação com o ideário liberal. Relacionar o contexto político e econômico atual como pressuposto para partir ao passado.



Na primeira aula, como atividade de problematização, trabalhamos com análise de imagens fotográficas em grupo, partindo de acontecimentos atuais para despertar a atenção dos jovens e refletir sobre as manifestações que marcam a realidade brasileira no atual contexto. Foram selecionadas duas imagens fotográficas que representam dois acontecimentos políticos no ano de 2016, para se analisadas em grupo. Os usos da imagem no processo de ensino e aprendizagem, segundo Lautier (2011, p.45) são importantes, pois os usos de imagens são “tão significantes que parecem falar delas mesmas. [...] contribuem assim para a construção de representações significantes”. Nesse sentido, podemos afirmar que a interpretação figurativa ajuda a reforçar uma narrativa, pois aproxima o aluno do momento estudado.

A primeira imagem abordou uma manifestação a favor do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. É possível perceber que os participantes da manifestação, vestidos com camisas da seleção brasileira de futebol, tiram foto com policiais a serviço. A imagem passa ideia de harmonia. O autor, Jardiel Carvalho, possibilitou que a composição da imagem mostrasse um trecho isolado do acontecimento não deixando evidenciado o restante do acontecimento.

A segunda imagem foi escolhida para contrapor a impressão da primeira. Nela pode-se perceber policiais os policiais de outra maneira que na primeira imagem. Agora, os policiais estão abordando um jovem que estava manifestando pelo “Fora Temer”. A partir do uso de ambas imagens, foi possível causar uma situação em que os jovens precisassem questionar o que foi passado.

Nesse sentido, promoveu-se o pensamento reflexivo dos jovens que, inclusive, é um dos objetivos da disciplina de história. Na perspectiva de relacionar o ensino de história com a formação para a cidadania, considerando uma cidadania autônoma e não apenas a cidadania patriótica, tais conteúdos são fundamentais. Guimarães (2012, p.144) destaca que é importante “pensar a história como disciplina fundamentalmente educativa, formativa, emancipadora. Assim, como disciplina escolar, seu papel central é a formação da consciência histórica dos homens, possibilitando a construção de identidades”. Consideramos que trabalhar com imagens é positivo e contribui para romper a dinâmica monótona de aulas expositivas. Além disso, tivemos a preocupação



de mostrar aos estudantes que a história é sempre reescrita, quebrando o paradigma que a história é a única portadora da verdade.

Para o desenvolvimento das atividades, os estudantes foram organizados em grupo para que houvesse diálogo das imagens. A partir de um diálogo inicial, recorremos a analogias para relacionar momentos históricos, ressaltamos que os brasileiros historicamente resistiram e manifestaram contra injustiças. Houve análise de imagens reforçando a importância das metodologias de pesquisa, ou seja, considerar suas fontes de informação. A ideia foi captar os saberes dos estudantes. O questionamento foi se eles conhecem algum movimento social. Citamos alguns como MST, Movimento Feminista, Black Bloc, Movimento Estudantil, dentre outros, para conceituar. Com os grupos formados, entregamos as imagens para debate e produção de um texto.

Após a realização da atividade, propomos a socialização das respostas. A imagem 1, representava a manifestação “Fora Dilma”. Alguns jovens interpretaram que foi um evento pacífico e que os policiais estavam mantendo a segurança dos manifestantes. Julgaram que o protesto foi composto por famílias como vemos na seguinte citação³:

São pessoas normais na manifestação “fora Dilma”, as roupas dessas pessoas, alias, os acessórios são bandeiras do “Brasil” que está honrando o nosso país, o fato disso estar acontecendo e para tirar o impeachment, por isso que os policiais estão ali, para não gerar conflito no momento em que está acontecendo. (1º ano A, 2016).

Uma jovem questionou o motivo dos participantes tirarem fotos com os policiais:

Manifestantes, as cores do Brasil, tirando foto com três policiais no fora Dilma. Bom eu realmente fiquei em dúvida, por que eles estão tirando foto com os policiais? Eles foram incrivelmente cruéis em algumas manifestações e eu não entendo isso. Fora Dilma, eu não entendo muito o porque disso, ao meu ver ela não é culpada sozinha pelo o que está acontecendo no Brasil, porque o Temer entrou e continua a mesma bosta e o Brasil tem a que Temer. (1º ano C, 2016).

Comparando as duas narrativas, percebemos que os estudantes possuem visões distintas sobre a situação política e seus desdobramentos. Já a imagem 2 causou impactos parecidos em suas interpretações. Os jovens reconhecem que o manifestante



sendo levado pela polícia, também está insatisfeito com algo, como vemos na resposta a seguir:

Podemos ver um resultado da manifestação, ou seja, gerou briga, por isso que o policial está retirando o rapaz, as roupas do rapaz representam o amarelo da bandeira do Brasil. Já o do policial é a farda dele de trabalho; esse evento ocorreu ou ocorre porque os brasileiros estão insatisfeitos com o país em que vive. (1º ano A, 2016).

Outra jovem aborda um questionamento acerca do motivo que o jovem está sendo levado pelo policial e finaliza afirmando que a polícia está sendo apenas ela mesma:

Um manifestante sendo repreendido pelo policial. As cores da bandeira brasileira, manifestando no movimento fora Temer. Um cara sendo preso por expressar sua vontade? Não sei. Olha se for pela manifestação em si eu acho que é pela indignação do povo pela política brasileira, ou se é por que o cara tá sendo detido pelo policial. Eu acho é por que ele fez algo ou a polícia só está sendo polícia. (1º ano C, 2016).

A partir da análise de tais respostas, percebemos que possuem diversos olhares sobre a situação atual. É importante considerar os saberes dos jovens para que a aula seja planejada. O educador precisa perceber as subjetividades que cada turma possui para tentar atingir maior nível de aproveitamento. Vemos também certa dificuldade de escrita. Isso pode se dar pela falta de prática de leitura e escrita durante o processo educacional. A partir disso vale pensar: por qual meio esses jovens buscam informações? Eles buscam consciência política ou reproduzem senso comum? Precisamos pensar como a disciplina de história pode contribuir para criar pessoas críticas.

Na segunda aula utilizamos texto para trabalhar com interpretação e leitura metódica para estimular o lado crítico da turma. Fizemos uma introdução sobre a Inconfidência Mineira em aspectos gerais. De maneira expositiva foi feita uma fala que relacionou a discussão das imagens com o tema da aula. Demos ênfase nos aspectos sociais, econômicos e políticos que ocasionaram a organização do movimento de independência do Estado de Minas Gerais. O texto foi produzido pelos estagiários e no final ao final do texto propomos algumas questões para reflexão.



A primeira leitura foi individual e, em seguida, cada aluno lia um parágrafo em voz alta e estabelecíamos um diálogo. Essa atividade mobilizou os estudantes que participaram ativamente. A terceira aula foi pensada de maneira que fosse atraente para reforçar o entendimento dos jovens e problematizar a construção do “mito Tiradentes”

Na terceira aula, apresentamos representações de Tiradentes e feita a problematização de como foi interpretado a partir de imagens artísticas. Iniciamos a exibição das imagens mostrando fotografias atuais de Ouro Preto, onde, na época da inconfidência, tinha nome de Vila Rica. Foram selecionadas oito imagens do acervo pessoal do estagiário. Ao trabalhar com imagens, é importante ressaltar a importância e contextos históricos contidos na cidade. Após, apresentamos um trecho da série *Liberdade, Liberdade* exibida na Rede Globo no ano de 2016⁴. A cena escolhida retrata o enforcamento de Tiradentes onde é possível fazer um paralelo com o texto trabalhado na aula anterior. Em seguida, utilizamos imagens com representações da figura de Tiradentes. O objetivo também foi explicar como as representações são criadas e como heróis podem ser pensados a fim de interesses. Os jovens ficaram surpresos com a cena do enforcamento de Tiradentes e conseguiram extrair detalhes da aula anterior, como por exemplo, a aparência de Tiradentes com cabelo e barba raspado para execução.

Algumas considerações

A disciplina de estágio supervisionado é fundamental para a formação de pessoas que pensam ser agentes da educação. Também proporciona experiências que só são percebidas no ambiente escolar. A escola é um ambiente repleto de culturas e diferenças. Para isso se torna interessante considerar que cada aluno tem suas particularidades e cultura históricas. O estágio proporciona ampliar as visões e desafios que um educador precisa ter para realizar práticas educativas. A teoria nos diz como fazer e o que fazer, mas na prática tudo se torna diferente. Selma Pimenta expõe que

A teoria se vê em si mesma como tão onipotente com suas relações com a realidade que se concebe como práxis, onde a prática é considerada mera aplicação ou degradação da teoria. A teoria se coloca autônoma e não reconhece na práxis possibilidade de enriquecimento de si mesma (PIMENTA, 2006, p. 92).



Sendo assim, vale considerar a existência da dicotomia teoria e prática. Pensamos que ambas precisam estar em constante conexão para que haja formação de saberes. A teoria tem importância essencial para que o educador tenha fundamentação e embasamento para saber lidar com as contextualizações e com o modo de ensinar. A teoria é o momento que deve ser considerado o fator interdisciplinar para a existência de um diálogo que resulte em didáticas emancipadora e que contribuam com a formação cidadã dos jovens. O educador constrói sua prática a partir da teoria, pois suas reflexões teóricas vão ser essenciais para a construção de suas formas de ensinar. O estágio nos permite perceber as relações entre a teoria, vista na universidade, e a prática, concebida nas observações, onde percebemos o cotidiano do ambiente escolar. Na prática, o educador precisa usar sua bagagem teórica para reconhecer, na prática, as características físicas, emocionais, culturais, econômicas e políticas do seu ambiente de trabalho. Enfim, ensinar história é uma arte que exige trabalho e dedicação.

Referências bibliográficas:

- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educ. Soc.* Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 10 set. 2010.
- LAUTIER, Nicole. Os Saberes Históricos em Situação Escolar: circulação, transformação e adaptação. *Educ. Real.*, Porto Alegre, v. 36, n.1, p. 39-58, jan./abril, 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>.
- GUIMARÃES, Selva. *Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados*. 13. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- MCLAREN, Peter e GIROUX, Henry. Escrevendo das Margens: Geografia de identidade, Pedagogia e Poder. In: MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo Revolucionário – Pedagogia do dissenso para o novo milênio*. Porto Alegre: Artes Médicas do sul, 2000.



IV Semana de História do Pontal

III Encontro de Ensino de História

POLÍTICA, GÊNERO E MÍDIA

na pesquisa e no ensino de História

Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal

29 de novembro a 02 de dezembro de 2016

ISSN: 2179-5665



MELLOUKI, M'Hammed; GAUTHIER, Clermont. O professor e seu mandato de mediador, herdeiro, intérprete e crítico. *Educ.Soc.*, Campinas, vol.25 n.87, p.537-571, maio/ago.2004.

PIMENTA, Selma Garrido. *O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?* São Paulo: Cortez, 2006.

SEFFNER, Fernando. Teoria, metodologia e ensino da História. In: GUAZZELLI, César Augusto Barcellos; (et. al.) (orgs.). *Questões da teoria e metodologia da história*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2000.

^{*} Graduando do Curso de História da FACIP/UFU. E-mail: <daviaragaomartins@hotmail.com>.

¹ Informação retirada do plano de ensino da disciplina em 21/06/2016.

² Informações retiradas do Currículo Lattes do docente em 02/07/2016 às 17hs30min.

³ A forma gramatical das respostas foi mantida nas citações que constam no artigo.

⁴ Disponível no link <<https://globoplay.globo.com/v/4949956>>. Acesso em: 13 dez. 2016.